

Lilian Thuram: “Não nascemos racistas, tornamo-nos racistas”

P publico.pt/2019/11/27/desporto/entrevista/lilian-thuram-nao-nascemos-racistas-tornamonos-racistas-

Marco Vaza



Lilian Thuram - Nuno Ferreira Santos

Foi a partir da sua própria história que Lilian Thuram, campeão mundial pela França em 1998 e jogador mais internacional de sempre dos “bleus” (142 jogos), tomou consciência de que tinha de fazer alguma coisa para combater o racismo que começou a sofrer aos nove anos, quando chegou a Paris vindo de Guadalupe. De regresso a Portugal, a convite do MEMOIRS, um projecto de investigação do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, para várias conferências, o antigo lateral da Juventus e do Barcelona conversou com o PÚBLICO e alertou para a urgência de mais vozes se levantarem contra todos os tipos de discriminação, sobretudo entre aqueles que não são vítimas.

Por que razão criou a fundação e quais são os seus objectivos?

Foi a história da minha vida que me levou a criar a fundação. Comecei a questionar-me quando cheguei à região de Paris, aos nove anos. Por que motivo os meus colegas de escola têm um preconceito em relação à cor da minha pele? Por que me olham como um ser inferior? A partir daqui, comecei a questionar-me para compreender a história e, quando fui jogador de futebol, em Itália e em Espanha, muitas vezes ia falar a escolas. Quando estava no Barcelona encontrei um senhor que me perguntou o que eu queria fazer depois de abandonar o futebol. Eu respondi que queria mudar o mundo. 'Como vais fazer isso?', perguntou ele. Gostava de ir às escolas explicar às crianças que o racismo, o sexismo e a homofobia não são coisas naturais. São construções ideológicas. Também me mudou a vida, porque eu próprio tinha os meus preconceitos. Esta fundação existe para dizer uma coisa que é muito simples: não nascemos racistas, não nascemos homofóbicos, tornamo-nos racistas, tornamo-nos homofóbicos. Porque repetimos caminhos que já existem na nossa cultura.

E como é que está a correr esse objectivo de mudar o mundo?

[Risos] Há uns dias, falava com alunos de uma escola e perguntava-lhes: 'Sabem quem é Cristóvão Colombo?'. Foi o homem que chegou às Américas de barco. Quando ele chegou à praia, onde você se posiciona? No barco ou na praia?

Eu? Sendo europeu, no barco...

Exactamente. É isso que é interessante. Porque, mesmo que não seja europeu, está no barco. Em todo o mundo, mesmo em África, as pessoas estão dentro do barco. Essa ideia de que estamos no barco é uma visão da história que não é a das pessoas que estão na praia. É preciso colocar a questão: como mudar a percepção da história. É isso que faz o preconceito.

Viveu essas primeiras experiências de racismo em Fountainbleu?

Quando cheguei a França, fui viver para Bois-Colombes, onde vivenciei essas primeiras experiências de racismo. Depois, fui viver para perto de Fountainbleu, onde convivi com gente que vinha de todo o mundo, de Portugal, do Zaire, do Vietname, do Paquistão. Nesse ambiente, não havia essa visão em relação aos negros.

Demasiada gente a pensar que ser negro não é ser francês

Na nossa primeira entrevista, há sete anos, disse que, quando chegou a França com nove anos, sentiu que as pessoas olhavam para si, não como um francês, mas como um negro. Ainda sente isso agora?

Hoje em dia, ser negro e francês é mais facilmente aceite. Porquê? Porque, efectivamente, o desporto e o futebol mudaram muito a mentalidade das pessoas. Mas ainda há muita gente, demasiada gente, que pensa que ser negro não é ser francês.

A selecção de 1998 teve sucesso e a de 2018 também. Ambas são selecções multi-raciais. Mas a extrema-direita em França está em ascensão. Como se explica isto? O futebol não reflecte a sociedade?

O futebol não reflecte exactamente a sociedade. O racismo é outra coisa. É um discurso que permite a certas pessoas se legitimarem perante outras. Em França e em outros países da Europa, há pessoas que dizem 'Nós somos isto e é normal que passemos à frente de outras'. Vão pelo caminho da estigmatização das pessoas, dizem que os muçulmanos não são compatíveis com a sociedade. Mas quando se estigmatiza os muçulmanos é para reforçar uma identidade católica. Quando estigmatizamos, é como dizer, 'Somos diferentes e merecemos passar à frente dos outros'. Depois, podemos estigmatizar em relação a muitas coisas. Mas, historicamente, a cor da pele e a religião são coisas que funcionam. Em períodos de crise moral, é por isso que as pessoas vão para a extrema direita.

Recentemente, foi acusado de ser um racista anti-branco. Como reagiu a isso?

É preciso primeiro compreender como chegámos aqui. Perguntaram-me sobre Lukaku, que foi alvo em Itália de adeptos que fizeram sons de macaco. É preciso compreender, não apenas dizer que é uma coisa má. O que eu disse a um jornalista italiano é que as pessoas que fazem esses sons de macaco têm um complexo de superioridade por serem brancos. Em França acho que as pessoas compreenderam o que eu queria dizer, mas há gente que sempre quer criar debate na sociedade para legitimar um determinado discurso. Eu sou pela igualdade e quero acabar com o racismo, mas há quem queira que haja mais racismo, e por isso há conflito. Para tirar legitimidade às ideias de alguém, basta dizer que esse alguém é racista. Isso funciona porque a maior parte das pessoas é branca e, se não gosta de ti, ouve. Isso reactiva a identidade branca. E muita gente gostaria de pensar que a identidade branca não existe, mas, historicamente, existe. Como a identidade masculina também existe. Respondendo à pergunta, isso não é algo que me perturbe. Homens como Nelson Mandela ou Martin Luther King foram chamados de racistas anti-brancos.

É possível ser racista por omissão

O Lilian é um antigo futebolista que escolheu falar contra o racismo e a discriminação. Deveria haver mais desportistas a fazer o mesmo?

Não sei se escolhi, foi qualquer coisa que me pareceu essencial fazer. Podia ser hipócrita e fingir que estava tudo bem, ou intervir. Seria interessante que pudéssemos falar destes assuntos tranquilamente e, sobretudo, não fossem apenas as pessoas que sofrem discriminação a falar. Esse é um problema. Frequentemente, as pessoas que intervêm e que denunciam as injustiças na sociedade são as pessoas que são prejudicadas por elas. Se houvesse, por exemplo, mais desportistas brancos a denunciar o racismo, as coisas andavam mais depressa. Seria muito interessante que pessoas de todas as cores falassem sobre estes assuntos e não apenas de pessoas atingidas pelo racismo. Dá mais força. Um exemplo: uma pessoa negra fala de racismo, mas há gente que pensa que talvez esteja a exagerar. É como uma mulher que denuncia o sexismo, um homossexual que denuncia a homofobia... Por isso, seria interessante que mais pessoas que não sofrem discriminação entrassem no debate.

Já há muitos atletas a entrar no debate?

Não os suficientes. Veja o que se passa nos jogos de futebol. Muitas vezes, um jogador negro é insultado pelos adeptos, mas, entre os jogadores brancos, quantos já foram às bancadas dizer aos adeptos para pararem com isso? Quantos viu a sair do campo e dizerem que não jogam mais? Acham que não lhes diz respeito e isso é um problema.

Pode ser-se racista por omissão?

Sim, penso que grande parte das pessoas é racista por omissão. Tal como o sexismo. Pode ter-se comportamentos sexistas durante séculos e séculos e não se dar por nada. O racismo é a mesma coisa. É preciso discutir isto de forma serena.

Nos EUA, houve o caso de Colin Kaepernick, que se ajoelhou durante o hino. Passaram três anos e continua desempregado, ninguém o contrata. Há algum medo da parte dos atletas em tomarem uma posição?

É preciso olhar para a história. Regra geral, quem intervêm para uma mudança na sociedade são os rejeitados. Não apenas no racismo. É por isso que as pessoas têm de ganhar coragem. Só os corajosos podem mudar a sociedade.

Ele foi um bom exemplo?

Um ótimo exemplo. Não foi por acaso que isto aconteceu nos EUA. A Megan Rapinoe, da seleção norte-americana, também fez o mesmo. É mais difícil encontrar figuras como estas em Portugal ou em França. Não há esta cultura.

Gostava de ver jogadores de futebol a fazer o mesmo?

Claro que sim. Nos EUA, há muita gente do desporto a denunciar o racismo. Há um treinador, por exemplo, que o faz, Greg Popovich. É um treinador branco muito conhecido. É isso que precisa de acontecer mais nas sociedades europeias.

O caso Bernardo Silva: devia ter sido só para o Mendy

Quando falámos pela primeira vez, Barack Obama tinha sido reeleito. Agora, Trump está na Casa Branca, a popularidade de Marine Le Pen cresce em França, o Vox sobe em Espanha, a extrema-direita em Itália... O mundo está a ficar menos tolerante?

Hoje em dia há vozes que falam mais alto, o mundo está a mudar e há pessoas que têm medo das mudanças. Querem reposicionar a sua identidade. Certas pessoas sentem-se ameaçadas na sua identidade e reactivam esse sentimento de superioridade. Hoje em dia, há menos racismo que no passado. Falo sempre da história da minha própria família. O meu avô nasceu 60 anos depois da abolição da escravatura e não tenho dúvidas em dizer que o racismo era maior quando o meu avô nasceu. Quando uma sociedade muda, há fricção.

Bernardo Silva publicou uma imagem de Mendy e chamou-lhe Conguito. Percebemos que era uma brincadeira entre amigos, mas ele foi punido por isto. Qual é a sua opinião sobre este caso?

Esse é um caso muito interessante. As redes sociais servem para meter coisas na praça pública. A partir do momento que está na praça pública, o mundo inteiro é envolvido. Há pessoas que podem não concordar com esta piada. Houve pessoas que ficaram chocadas. A partir do momento em que me convidam a participar nessa piada, posso intervir e dizer: isto não me faz rir. A pessoa em questão deve compreender isso. Se era para o Mendy, devia ter sido só para o Mendy. Isto serve de educação para os jovens. Se há coisas que preferem que fiquem na intimidade, não devem ir para as redes sociais.

Dos países em que jogou, em qual deles sentiu mais o racismo?

Em Itália. Ouvia barulhos de macacos, mas eles já existiam antes de eu jogar lá. É por isso que eu digo que é preciso que os jogadores brancos intervenham para que as coisas mudem.

Sentiu racismo dentro das equipas em que jogou?

Não. Dentro das equipas é complicado haver racismo. Quando se trabalha e convive todos os dias, chega-se à conclusão que é uma coisa estúpida.

E a vitória de Portugal na final do Euro 2016?

Falando um pouco de futebol, a França foi um campeão mundial com mérito em 2018?

Sim, sem dúvida. A França tem uma vantagem, tem um treinador muito bom que sabe como se ganha.

Deschamps, um antigo colega seu...

Sim. Penso que quando se foi um jogador de alto nível, isso é uma vantagem como treinador. E a França tem jogadores extraordinários, que jogam todos nas grandes equipas.

Odiei. Não foi nada simpático terem ganho [risos]. Tenho muitos amigos portugueses, o meu primeiro clube foi os Portugueses de Fountainebleu.

Messi e Ronaldo não vão durar para sempre como os melhores do mundo. Quem serão os próximos? Mbappé? O seu filho Marcus, que é um dos melhores marcadores da Bundesliga?

É complicado prever o futuro. As pessoas divertem-se com isso, mas é impossível. Ninguém sabia quem era Mbappé há três anos, por exemplo. Talvez daqui a três anos apareçam outros que ninguém conhecia. Falando de Messi e Ronaldo, o que digo é que temos de parar de dizer que só pode haver um. Estão sempre a pedir para escolher entre os dois. Sempre que tenho a oportunidade, digo: são dois jogadores extraordinários.